

**A METODOLOGIA E O ENSINO DA GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL: UM ESTUDO EM GRAJAÚ-MA.**

Maria José Barros SILVA¹
Marcos Nicolau Santos da SILVA²

Resumo

Este trabalho objetivou analisar o ensino de Geografia nos 4º e 5º anos do ensino fundamental da Escola Municipal Educar para Crescer, localizada na cidade de Grajaú, Maranhão, assim como avaliar a metodologia das aulas de Geografia e o interesse dos alunos. A metodologia utilizada foi a pesquisa qualitativa e os dados foram coletados através de observação das aulas e entrevistas com as duas professoras regentes. Observou-se que os procedimentos metodológicos utilizados pelas professoras nas aulas de Geografia ainda são de forma tradicional, centrados principalmente no livro didático. Dessa forma, as aulas de Geografia tornam-se desestimulantes, como as demais disciplinas. Sem contrariar essa realidade, durante a observação, constatou-se a falta de interesse dos alunos pela disciplina.

Palavras-chave: Educação Geográfica; Metodologia do ensino; Geografia do Cotidiano.

**THE METHODOLOGY AND THE TEACHING OF GEOGRAPHY IN THE EARLY
YEARS OF ELEMENTARY EDUCATION: A STUDY IN GRAJAÚ-MA**

Abstract

This study aimed to analyze the teaching of geography in the 4th and 5th years of elementary school of the School Educate to Grow, and to evaluate the Geography teaching methodology and student interest. The methodology was qualitative research and data were collected through observation of classes and interviews with the two teachers. It was observed that the methodological procedures used by teachers in Geography lessons are still in traditional, mainly centered in the textbook. Thus, the Geography lessons become discouraging, as other disciplines. Without contradicting this fact, during the observation, there was a lack of student interest in the discipline.

Keywords: Geographic Education; Methodology of teaching; Geography of Everyday Life.

**LA METODOLOGÍA Y ENSEÑANZA DE LA GEOGRAFÍA EN LOS PRIMEROS
AÑOS DE EDUCACIÓN PRIMARIA: UN ESTUDIO EN GRAJAÚ-MA**

Resumen

Este estudio tuvo como objetivo analizar la enseñanza de la Geografía en los cuarto y quinto año de la escuela primaria de la Escuela Educar para Crecer, situado en Grajaú, Maranhão, así como evaluar la metodología de las clases de Geografía e intereses de los estudiantes. La metodología fue la investigación cualitativa y los datos fueron recolectados desde la observación de clases y entrevistas con los dos maestros. Se observó que los procedimientos

¹ Licenciada em Ciências Humanas/Geografia pela Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus de Grajaú. E-mail: mariabarroscriis@hotmail.com

² Doutorando e Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG. Professor Assistente do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Geografia da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Campus de Grajaú. E-mail: marcos.nicolau@yahoo.com.br

metodológicos utilizados por los profesores en las clases de Geografía siguen siendo tradicionales, centrados principalmente en el libro escolar. Por lo tanto, las lecciones de Geografía convierten desalentador, como otras disciplinas. Sin contradecir este hecho, durante la observación, se identificó una falta de interés de los estudiantes en la disciplina.

Palabras clave: Educación Geográfica; Metodología de la enseñanza; Geografía de la vida cotidiana.

INTRODUÇÃO

Sabe-se que o ensino de Geografia desempenha um papel fundamental na vida dos estudantes e professores, visto que o conhecimento geográfico contribui muito para o desenvolvimento sociocultural, ambiental e político do cidadão, isto é, para o entendimento e a compreensão do seu espaço geográfico. Entender o espaço geográfico e as relações que o compõem faz parte do processo de socialização, alfabetização e leitura do espaço. Assim, os trabalhos e estudos devem ser bem direcionados para que apresentem resultados eficazes e capazes de construir personalidades que possam compreender os elementos geográficos no processo de ensino-aprendizagem.

Este trabalho faz uma reflexão sobre o uso dos procedimentos metodológicos utilizados na Escola Municipal Educar para Crescer, localizada na área urbana de Grajaú, Maranhão, os quais permitiriam dinamizar as aulas de Geografia, podendo contribuir no processo de ensino-aprendizagem de maneira mais eficaz.

Os motivos que nos fizeram pensar sobre essa pesquisa partiram do interesse em conhecer como é introduzido o ensino de Geografia nos 4º e 5º anos, pois, durante um período no qual assumimos a responsabilidade de ensinar para o 3º ano, as orientações centravam-se no trabalho com a leitura e a escrita, ou seja, dava-se mais ênfase nas disciplinas de Português e Matemática.

Então, partindo dessa realidade, levantamos os seguintes questionamentos: Será que os alunos só precisam de conhecimentos e formação em Língua Portuguesa e Matemática? Será que as outras disciplinas não têm importância nos anos iniciais? Dessa forma, partindo desse ponto de vista, este estudo buscou analisar como é feita a introdução do ensino de Geografia nos dois últimos anos do ensino fundamental menor. Em outras palavras, entender qual é o papel e a importância que essa disciplina tem tanto para os alunos como para os professores, uma vez que o ensino da Geografia é fundamental também no processo de alfabetização, além

de entender que a Geografia é um componente curricular muito significativo para a formação cidadã do educando, e não apenas uma disciplina que cumpre a carga horária obrigatória.

A Geografia deve ser ensinada desde o início do ciclo escolar. É uma disciplina que permite ao estudante compreender a dinâmica do espaço no qual vivemos e também para que não se chegue aos anos seguintes com fracasso escolar, já que o sucesso ou fracasso do aluno depende muito do processo de alfabetização.

O ciclo inicial da alfabetização nos três primeiros anos do ensino fundamental, conforme já mencionado, focaliza-se nos ensinamentos de Português e Matemática. Há, portanto, uma nítida desconsideração da importância das demais disciplinas formativas, embora as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica (2013) destacam a importância concomitante das demais disciplinas neste ciclo inicial. A nossa vivência de trabalho docente nos três primeiros anos na Escola Municipal Educar para Crescer nos trouxe inquietação referente ao descaso em relação ao ensino de Geografia, pois, embora as noções espaciais sejam fundamentais no processo de ensino-aprendizagem da criança que está no início do desenvolvimento cognitivo, elas não ganham a relevância devida.

Aprender a ler e escrever é tão importante quanto realizar a leitura do espaço do aluno. Além disso, a alfabetização também pode e deve ser realizada no ensino de Geografia e outras disciplinas, afinal ler não significa apenas decodificar palavras, mas fazer leituras e interpretações do meio onde vivemos.

A proposta do sistema educacional brasileiro busca propiciar ao aluno a oportunidade de aprender, tanto quanto sua capacidade permitir, porém uma das questões que muito tem preocupado profissionais do ensino é a falta de interesse de alguns alunos em participar das atividades propostas em sala de aula. A hipótese para essa falta de interesse ou desmotivação pode estar no contexto das próprias aulas de Geografia, visto que, em muitos casos, o professor somente transmite conhecimento, não levando em consideração as experiências dos alunos, fundamentais para interligar o conteúdo com a realidade. Ou seja, os procedimentos metodológicos são vazios e insuficientes, por isso não logram em fazer os alunos aprenderem a ter interesse ou mesmo a gostar da Geografia.

A construção deste texto está estruturada em três partes, além da introdução e das conclusões: na primeira analisamos a importância da educação geográfica e do ensino da Geografia na atualidade, transitando, principalmente, pela questão colocada pelos autores que

adotam tal perspectiva: ensinar Geografia para quê? Na segunda parte, abordamos especificamente a temática do ensino da Geografia nos anos iniciais, elencando a importância de se trabalhar com os conceitos geográficos desde o início do ciclo escolar e ainda tece algumas considerações sobre a metodologia de ensino dessa disciplina. Na última parte, focalizamos os resultados oriundos da observação das aulas na escola campo de pesquisa, bem como as entrevistas realizadas com as professoras dos dois últimos anos do ensino fundamental.

A EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA E O ENSINO DE GEOGRAFIA NA ATUALIDADE

O ensino de Geografia deve permitir aos educandos uma análise crítica da realidade, pois estes devem se colocar de forma propositiva diante dos problemas enfrentados na família, na comunidade, no trabalho, na escola e nas instituições das quais participam. É de fundamental importância que a escola discuta assuntos que assolam e envolvam o nosso cotidiano, mesmo quando a temática em questão não esteja proposta no currículo pedagógico. Afinal, a instituição escolar e a educação geográfica têm o compromisso de cumprir o seu papel social: o de permitir a contextualização social, econômica, política, histórica e geográfica da sociedade no ambiente de aprendizagem. Os materiais curriculares são utilizados de acordo com as necessidades e o grau de aprendizagem dos alunos. Tais recursos darão suporte ao processo de aprendizagem dos discentes e os farão progredir em seu percurso escolar.

A educação geográfica ajuda os alunos a desenvolver modos de pensar geograficamente os lugares, a internalizar métodos e conceitos para compreender a realidade, tendo consciência de sua espacialidade.

Sabemos que a escola é uma teia de relações, onde vários aspectos estão integrados ou interligados entre si, por exemplo os materiais escolares, a organização do tempo, o espaço escolar. Assim, perguntamos se o ensino de Geografia também atende a tais aspectos ou simplesmente é um componente curricular? O que é educação geográfica e o que a distingue do ensino de Geografia? Ou, ainda, para que ensinar Geografia?

Callai (2012, p. 73) afirma que “a educação geográfica diz respeito a: ensinar Geografia para quê?” A autora chama a atenção para a finalidade, pois, segundo ela, se o

ensino de Geografia for somente para cumprir carga horária, como “um rol de conhecimentos específicos”, ou apenas para preencher o currículo, não há necessidade de se ensinar Geografia.

Uma vez que o ensino de Geografia é a chave, o início para uma educação geográfica, a escola, através de seu papel, o de formar cidadão, também tem o compromisso de tornar a disciplina de Geografia uma ferramenta fundamental na compreensão do espaço. Sabemos que, por meio da educação, se faz mudar a realidade, e, a partir da Geografia, damos conta de entender ou até mesmo de explicar o mundo, as suas mudanças e “o nosso dia a dia”, parafraseando Kaercher (2003). Devemos buscar esse entendimento na escola, através do ensino da Geografia, das informações, do acompanhamento das mudanças, da globalização, dos acontecimentos, no convívio social e na apreensão dos conceitos geográficos.

De acordo com Callai (2012, p. 74), “o aluno precisa saber o que fazer com as informações e isso pode ser o ponto central da educação geográfica: ensinar para a vida, para saber e entender que o que acontece nos lugares em que ele vive é parte de um mundo globalizado”. Desse ponto de vista, a autora chama a atenção para a questão relacionada à Geografia e à educação geográfica, na qual os conteúdos de Geografia são os mesmos. Porém, “reafirma-se que o específico da Geografia é analisar a sociedade e o mundo a partir da espacialidade dos fenômenos” (CALLAI, 2012, p. 74) e, se o aluno possui uma compreensão espacial, isso colabora para o seu desenvolvimento cognitivo e para a formação crítica a respeito da realidade geográfica na qual ele vive.

Sobre esse aspecto, Kaercher (2002) questiona o papel do ensino da Geografia na sociedade atual, onde há um grande índice de desigualdade social, mas essa realidade, muitas vezes, é desvinculada da vida do aluno, e isso pode estar na própria metodologia empregada pelo professor. O ensino nesse contexto pode prejudicar o aprendizado do discente, uma vez que ele não é inserido em seu contexto social. Dessa maneira, o aluno não pensa o espaço em que vive e desconsidera, portanto, o contexto social, histórico e geográfico que poderia dar sentido e explicar sua vida. O estudante torna-se, assim, um mero espectador de aulas, sem formação e postura críticas no concernente ao conhecimento geográfico sobre o espaço.

A fim de que o professor promova uma formação crítica do alunado a respeito da realidade que ele vive, não basta apenas saber sobre geografia; é preciso saber ensinar e, acima de tudo, saber fazer das informações e dos conteúdos as devidas relações com o dia-a-

dia do aluno, colaborando assim para que ele seja mais compromissado com a Geografia do seu cotidiano (KAERCHER, 2002).

Desse modo, o professor deve procurar trabalhar o conteúdo conforme a realidade do aluno. “Na aula de Geografia, é trabalhar essa realidade de modo que o aluno se entenda como um sujeito que está dentro dessa realidade, que vive nesse mundo com todas as contradições e desafios que o esperam” (CALLAI, 2012, p. 74). Esse é um dos pontos negativos, pois, infelizmente, a maioria dos professores trabalha conteúdos que não condizem nem um pouco com a realidade dos alunos, com o lugar no qual ele está inserido. Isso requer dos professores uma autorreflexão acerca de suas práticas metodológicas, sem fugir da indagação: para que ensinar a Geografia?

Ao se questionar, o professor estará buscando respostas que justifiquem o porquê de se ensinar Geografia hoje. O professor, antes do estudante, deve-se ter a plena consciência de que sua disciplina possui caráter social, formativo e libertário. Isso é uma forma de encarar a Geografia como uma disciplina capaz de formar o estudante para a cidadania e, assim, possibilitá-lo a pensar e entender geograficamente os lugares.

A partir dessa concepção, torna-se mais fácil definir os objetivos a serem alcançados, estruturar os conteúdos a serem trabalhados e mais fácil também desenvolver estratégias metodológicas de seu trabalho, com o intuito de que ocorra uma aprendizagem mais significativa. Logo,

a educação geográfica para além de simplesmente ensinar ou tratar de conteúdos da disciplina é a possibilidade de dar sentido mais significativo para esses temas, incorporando a subjetividade dos sujeitos e levando-os a pensar sobre o espaço em que vivem, seja ele o concreto e próximo, seja o distante, que diz respeito à sua vida da mesma forma que o está perto de si (CALLAI, 2012, p. 75).

Tornar o ensino da Geografia mais significativo exige também repensar uma metodologia que não seja tão repetitiva. Para isso, o professor necessita trabalhar engajado com os objetivos pedagógicos desenvolvidos dentro da sala de aula ou mesmo com os objetivos da própria escola, porque o processo de aprendizagem é uma preocupação de muitos professores, um dos sujeitos responsáveis pelo desenvolvimento da aprendizagem do aluno.

Vale ressaltar que ensinar-aprender Geografia hoje requer não só do aluno, mas também do professor estar sempre em busca de informações sobre os acontecimentos, de novas leituras, conhecer sobre os lugares etc., pois sabemos que vivemos em um mundo de

transformações, intensamente modificado e cada vez mais globalizado. A escola precisa acompanhar as transformações. Portanto, a Geografia, uma disciplina que estuda a interação entre a sociedade e a natureza, necessita dar conta de explicar e analisar o mundo atual, complexo, contraditório, desigual e seletivo.

Ressaltando a importância do ensino de Geografia nos dias atuais, Cavalcanti (1998, p. 24) destaca o valor do desenvolvimento do raciocínio espacial por parte dos alunos, da disciplina possibilitar o desenvolvimento de “modos do pensamento geográfico”. Ela afirma ainda que “o ensino de Geografia deve visar ao desenvolvimento da capacidade de apreensão da realidade do ponto de vista da sua espacialidade. Isso porque se tem a convicção de que a prática da cidadania, sobretudo nesta virada de século, requer uma consciência espacial”.

Nessa concepção, podemos observar a preocupação com a formação da consciência espacial, do espaço concebido, percebido e vivido pelos discentes em diferentes fases da vida, além do estímulo ao desenvolvimento do olhar geográfico, como forma de compreender a produção e configuração do espaço.

Para Callai (2012, p. 76), “os processos de ensino precisam estar conectados com a realidade para terem efetividade”. Os alunos não podem se desprender da sua realidade, mas, de outro lado, a própria autora afirma que “também tudo está mais difícil, pois o acesso aos benefícios produzidos pela humanidade exige recursos que muitas pessoas têm dificuldade de acessar”.

Quando a autora diz que o ensino tem de acompanhar a atualidade, podemos constatar, observando os livros didáticos, sobretudo os de Geografia, que eles vêm tratando dos assuntos que estão acontecendo no mundo e vêm deixando de abordar muitos conceitos importantes, como os de território e lugar. Muitos livros, ainda, só abordam a questão das paisagens. Isso vem acontecendo devido a um fator – a globalização –, pois todos os livros reportam seus conteúdos ao contexto da globalização.

Nesse sentido, como entender a globalização desconectada do conceito de território? Parafraseando o professor Milton Santos (2006), nada no mundo hoje se faz sem que se tenha o entendimento do que é território. Este, nos tempos de globalização, é concebido a partir do binômio território-rede, pois a rede é o conceito que dá fluidez, dinamismo e movimento ao território. E o lugar, que se torna global quando a globalização é considerada uma grande

fábula, reproduz, para além de suas cotidianidades, a ideologia do mundo e os interesses de quem detém o poder.

Dessa maneira, principalmente nos anos iniciais, fica difícil fazer com que os alunos compreendam de forma mais objetiva os conceitos. Sobre esse aspecto, Costa, Santos e Kinn (2010, p. 53) afirmam que “não é possível obter conhecimentos geográficos sem uma compreensão dos conceitos – a paisagem, a região, o território, o espaço e o lugar”. Os referidos autores concordam que “o ensino precisa ser pensado no processo de transformação da sociedade e do espaço”.

É possível fazer uma adaptação e construir uma proposta metodológica na qual se possam trabalhar todos os conceitos. Por exemplo, a partir do conceito de paisagem, fazer uma análise de lugar e de território. Devemos ter a compreensão de que, conforme Kimura (2010, p. 182), “os conceitos não são representações individualizadas e isoladas uma das outras”, até mesmo porque o mundo atualmente serve como referência do que se ensina e os conteúdos da Geografia são baseados nesse novo mundo.

Vesentini (2007, p. 20), por sua vez, propõe outra perspectiva para mudar o ensino de Geografia. O autor considera que a escolaridade não pode mais ser fundamentada num ensino com perspectiva técnica, como na época do fordismo, e sim construtivista, com o objetivo de fazer com que os educandos pensem por conta própria e aprendam a enfrentar novos desafios, “criando novas respostas em vez de somente repetir velhas formas”. O ensino de Geografia hoje exige isso do aluno e também do próprio professor, porque a geografia vem/vinha sendo “um saber desprovido de questionamentos sobre o seu significado, tanto da parte de quem ensina como da de quem aprende” (SILVA, 2002, p. 314).

Isso é uma realidade da educação, principalmente na rede pública, onde muitos dos professores não se questionam sobre o significado do aprendizado e a sua importância. Muitos ainda colocam somente a remuneração em primeiro plano e deixam de lado a verdadeira essência do seu fazer pedagógico, que é o valor da educação e o aprendizado do aluno.

O ensino de Geografia nesse novo mundo globalizado exige do professor uma formação conectada com o mundo atual, pois podem acontecer contradições no ensino, em que o aluno pode estar muitas vezes mais preparado nesse novo mundo globalizado do que o próprio professor.

O paradoxo que se evidencia tem como característica no mundo atual um jovem-estudante que nasceu e está se constituindo como sujeito imerso na tecnologia, nos desafios que ela apresenta e principalmente que aprende com facilidade aquilo que o atrai e envolve. No contraponto há o professor que baseia sua ação numa racionalidade diferente, pois sua formação teve outras bases. [...] a dimensão pedagógica que se assume ao ensinar pode não estar de acordo com o aprender (CALLAI, 2012, p. 76).

Como vivemos atualmente num mundo globalizado e cheio de contradições, cabe aos professores encontrar alternativas com significado relevante para o ensino da Geografia, seja ela nos 1º e 2º ciclos ou nos 3º e 4º ciclos, mas que essa disciplina seja para o aluno “um caminho que conduza à educação geográfica” (CALLAI, 2012, p. 79). O caminho deve sempre buscar a compreensão e o desafio de interpretar a nova demanda, que é o mundo atual.

Viver num mundo globalizado e entender os benefícios e as consequências produzidos por tal processo, bem como as contradições que se estabelecem quando a globalização traz a falsa ideia de homogeneização do mundo, são de suma importância para o indivíduo. Uma Geografia que busca essa interpretação do mundo atual, onde as coisas acontecem com rapidez, cujo tempo é cada dia mais fluido e o espaço mais conectado, porém fragmentado, sujeito a intensas transformações, é uma disciplina verdadeiramente comprometida e modernamente contextualizada para representar, ler e interpretar o mundo que o estudante deve conhecer.

O ENSINO DE GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS E OS CONCEITOS GEOGRÁFICOS

O ensino de Geografia nos anos iniciais possui especificidades didáticas e pedagógicas as quais podem tanto dificultar como aproximar o processo de ensino-aprendizagem ao universo vivido e percebido. Pode ser que um professor não saiba lidar com esse nível de escolaridade e tenha essa dificuldade.

Tomando as contribuições de Cavalcanti (1998), devemos considerar que, em diferentes experiências cotidianas, as pessoas constroem uma geografia, a partir de uma vivência que produz uma espacialidade, isto é, as práticas socioespaciais são travadas no espaço geográfico entre as pessoas diariamente.

Os anos iniciais do ensino fundamental representam um período no qual se espera que seja executada a função de preparar os alunos em relação às habilidades básicas para a

construção de conceitos de Geografia, para que nos anos posteriores possam ampliar o entendimento sobre estes e outros conceitos.

Sabemos que, nessa fase, são desenvolvidas habilidades de leitura e escrita, bem como as noções lógico-matemáticas, todavia isso não impede que se desenvolva também a habilidade de lidar com a leitura e representação do espaço, ou seja, introduzir as primeiras noções geográficas. Só assim, compreendemos o mundo onde vivemos. As aulas de Geografia nos anos iniciais são muito importantes e interessantes. Através delas, podemos levar o aluno a encontrar uma maneira interessante de conhecer o mundo e sua espacialidade, de ser reconhecido como cidadão e de se sentir parte do espaço no qual vive.

Nos anos iniciais, o aprendizado de Geografia deve ter como meta o entendimento de noções e habilidades que ficarão de suporte para o desenvolvimento de conceitos específicos da disciplina.

Quando nos deparamos com alunos dos anos iniciais, nós, professores, devemos olhar, observar e procurar conhecer tudo sobre eles, desde a vivência na sala de aula até fora dela. É preciso saber quem são os estudantes, o lugar onde eles moram, a estrutura familiar e sobre sua vida escolar. Conhecer a realidade dos estudantes contribui para um trabalho de qualidade e pode ser a chave precípua para trabalhar os conteúdos de Geografia.

Em outras palavras, há, na atualidade do ensino de Geografia, desde os anos iniciais, a necessidade de ultrapassar o conhecimento imediato (o local) para outras escalas regionais e até mesmo globais, uma vez que o universo vivido pelos alunos torna-se interconectado às múltiplas territorialidades do mundo contemporâneo. Vivemos, assim, o que Straforini (2004) denominou de “totalidade-mundo”. Um exemplo está nas questões sociais que adentram todos os dias, pela mídia, a vivência dos alunos.

Sobre esse quesito, Straforini (2004, p. 77) assegura que ele “ainda é um tabu nas pesquisas em ensino de Geografia, e muito menos, objeto de conhecimento e de domínio intelectual dos professores nesse nível de escolaridade. Pois não são preparados para ministrar aulas para esse nível de escolaridade”.

Consoante já foi dito, é fundamental que pensemos sobre a Geografia, não apenas refletirmos sobre a disciplina como um componente curricular, mas que reconheçamos o que é importante ser ensinado e aprendido, sobretudo quando nos referimos ao ensino dos anos

iniciais do ensino fundamental. O ensino de Geografia nesses anos não é muito diferente dos demais níveis de ensino.

Para Callai (2012), os anos iniciais podem ser destinados à alfabetização, porém aí inicia-se o processo de construção de conceitos, atitudes e entendimento dos valores e da ética. O *para que* ensinar Geografia, conforme a autora, centra-se na importância de perceber que o que acontece no mundo é obra do homem; olhar o mundo é compreender a nossa história e entender a complexidade que constitui o mundo atual. Certamente, essa não é uma tarefa fácil, mas necessita ser introduzida no começo da vida escolar. De forma complementar, Cavalcanti (1998) considera que o objetivo de ensinar Geografia para crianças e jovens deve ser pensado e proposto com o intuito de ajudá-los a formar raciocínios e concepções mais articuladas e aprofundadas a respeito do espaço.

Essas autoras tratam o ensino da Geografia nos anos iniciais apontando sua relevância voltada para o lugar no qual o aluno está inserido, para que ele possa ver o mundo de forma mais contextualizada. O ensino, estando mais próximo da realidade dos sujeitos, é capaz de torná-los pessoas ativas no processo de transformação que envolve o lugar, o tempo e as relações sociais.

O papel da Geografia passa a ter destaque quando envolvido numa posição que visa contribuir para o crescimento intelectual e social do sujeito. Conforme salienta Straforini (2004), refletindo sobre o estudo da Geografia nos anos iniciais do ensino fundamental:

Não podemos mais negar a realidade ao aluno. A geografia necessariamente deve proporcionar a construção de conceitos que possibilitem ao aluno compreender o seu presente e pensar o futuro com responsabilidade, ou ainda, preocupar-se com o futuro através do inconformismo com o presente. Mas este presente não pode ser visto como algo parado, estático, mas sim em constante movimento. (STRAFORINI, 2004, p. 51).

Para Callai (2010, p. 31), há dois motivos importantes para aprender Geografia nos anos iniciais. Primeiro, “conhecer (e compreender) o mundo de forma sistematizada”, ou seja, o educando necessita entender a organização espacial da sociedade a partir do seu próprio lugar; compreender que o espaço está organizado de forma a atender as necessidades humanas, mas que também há interesse e forças que ordenam a organização do espaço geográfico. O segundo motivo trata-se de estabelecer e construir bases formativas para as aprendizagens sobre a Geografia nos anos posteriores. Tudo isso implica dizer que a criança

precisa aprender a ler o espaço, tal como ele é, para compreender o lugar e o mundo, sua realidade próxima e distante, assim como por que e como o espaço é construído.

Essa concepção já traz a noção de escala, tão presente na leitura geográfica do espaço, apesar de que, quando tratamos de categorias como lugar e mundo, não as estamos abordando na perspectiva escalar. O lugar não é escalar. Daí a importância de se entender que a transposição de escalas ocorre nas dimensões local-regional-global ou vice-versa.

Com base nos PCNs de Geografia (Parâmetros Curriculares Nacionais), no primeiro ciclo de aprendizagem do aluno, o professor deve trabalhar o ensino de Geografia abordando questões da natureza, discutir o papel da natureza com relação à ação dos indivíduos e também questões referentes aos grupos sociais e à construção do espaço geográfico.

O primeiro ciclo da aprendizagem compreende os 1º e 2º anos. Principalmente no 1º ano, os alunos em geral possuem uma construção mais lenta do raciocínio. Logo, essa fase é oportuna para que se trabalhe aquela velha questão de considerar o aprendizado que o aluno tem do seu cotidiano. Dentro dessa perspectiva Straforini (2008, p. 82) constata que

a realidade continua a assumir nas primeiras séries do ensino fundamental o centro de todo o processo desencadeador no processo de ensino-aprendizagem, pois o problema não está no fato de torná-la como ponto de partida, mas sim no conceito que se tem dessa realidade e da sua escala explicativa.

Essa questão de trabalhar a realidade do aluno é um processo de aprendizagem, pois busca o entendimento do aluno através de sua experiência e possibilita que ele seja capaz de refletir e desenvolver suas atividades de forma mais precisa e coerente. Conforme Kimura (2010), ensino-aprendizagem envolve um processo de comunicação, tanto do professor quanto do aluno, mas o desenvolvimento dessa comunicação ocorre de várias maneiras, portanto é uma forma de se expressar através de linguagens. Estas entendemos que extrapolam a linguagem escrita e falada, pois a linguagem espacial pode ser decodificada, lida, representada e interpretada.

A autora em questão afirma que “os alunos realizam, mesmo que incipiente e precariamente, uma aquisição cultivada a partir de várias origens relacionadas à sua primeira infância, com os seus familiares, com as pessoas do seu relacionamento e convívio, assim como a escola de Educação Infantil” (KIMURA, 2010, p. 130). Aqui Kimura se refere ao saber geográfico dito pelo aluno, levanta questões fundamentais no ensino da Geografia, principalmente nos anos iniciais. Kimura também nos chama a atenção para outro aspecto – o

de compreender o que o aluno diz: “se pensar o ensino-aprendizagem como uma relação que pressupõe um diálogo que tem como essência a compreensão dos sujeitos dialógicos (professor e aluno) é fundamental a consideração dos aspectos que fazem parte do aluno como sujeito do conhecimento” (KIMURA, 2010, p. 129).

Ainda existem professores que acham que, fazendo esse processo, vai diminuir seu papel ou o da escola dentro do contexto. Devemos deixar de lado aquela velha questão de muitos ainda acharem que nesse nível de escolaridade o objetivo principal é aprender a ler e escrever, o que é fundamental, mas isso não impede que o professor trabalhe as questões geográficas ou mesmo fazer como atualmente, trabalhar a Geografia de forma interdisciplinar.

Voltando a falar sobre a realidade do aluno, sabemos que, atualmente, a presença do ensino da Geografia nos sistemas de ensino, não raramente, é desconexa da realidade de vida da maioria dos discentes, mesmo nos anos iniciais, que marcam o começo do processo de educação escolar e o momento no qual são propícias as reflexões em torno das vivências dos alunos e da construção de conhecimento, de reflexão e de aprendizagem.

Para Straforini (2008, p. 23), “ensinar Geografia para as séries iniciais do Ensino Fundamental significa a possibilidade de construirmos um outro mundo para a existência que não seja centrada na mercadoria e no dinheiro”. Aí está a razão pela qual, desde o primeiro ciclo da vida escolar do aluno, deve-se iniciar uma educação geográfica, para que construa um saber crítico e/ou reflexivo sobre o mundo com uma visão mais ampla, a fim de que o mundo de fetiches não seja o único apresentado ao estudante. O mesmo acontece em relação aos conceitos, uma vez que os conceitos geográficos são construídos ao longo da aprendizagem e, por isso, devem ser ensinados desde os primeiros ciclos da aprendizagem, a partir de exemplos mais concretos e amadurecidos ao longo do desenvolvimento cognitivo do discente, atingindo assim níveis maiores de abstração.

Segundo Lesann (2011, p.42), “os conceitos geográficos são construídos pela acumulação de noções que são aprendidas ao longo do tempo”. O que é diferente de categoria, pois conceito é quando a pessoa tem uma noção de algo e categoria é quando algo tem uma definição concretizada. O aluno aprende desde cedo com o seu professor ou mesmo no seu dia a dia e, ao longo do tempo, vai se aperfeiçoando o entendimento dessas categorias.

Ainda falando em conceitos, Lesann (2011, p. 42) diz que “em síntese, os conceitos fundantes da Geografia podem ser assim enumerados: o espaço, o tempo, a escala e a

representação”. A autora ressalta que esses conceitos fundantes devem estar voltados obrigatoriamente à metodologia de ensino dos anos iniciais, para que os alunos tenham uma noção do espaço geográfico.

Os PCNs (2001) colocam que os conceitos ou as categorias, como assim se referem, dependem da idade da criança, sendo que nos ciclos iniciais já devem ser observadas as categorias de paisagem, território e lugar, de forma o mais clara possível.

Já na concepção de Straforini (2008, p. 24), devemos começar pela categoria de lugar, que é o lugar onde o aluno estar inserido, pois primeiro a criança tem de entender o seu lugar de vida para que depois seja iniciado um estudo geográfico com maior dimensão.

Os PCNs (2001) apontam para desafios no saber-fazer geográfico, notadamente no que se refere às práticas do ensinar e do aprender. Assim, consoante os PCNs, o ensino de Geografia vem apresentando problemas em relação à escolha dos conteúdos, porque alguns conceitos importantes e fundamentais no ensino da Geografia estão sendo abandonados, por exemplo “as categorias de nação, lugar, paisagem e até mesmo do espaço geográfico” (PCNs, 2001, p. 106).

Isso é um fato invisível nos livros didáticos, visto que essas categorias simplesmente sumiram, abordando, às vezes, somente a paisagem. É um tanto preocupante, pois, uma vez que o ensino da Geografia pode levar o aluno a compreender de forma mais ampla a realidade, é preciso que ele “domine categorias, conceitos e procedimentos básicos”, ou melhor, tenha um relativo conhecimento geográfico. Mas, para que isso mude, é preciso que haja alterações partindo principalmente do professor, nas escolhas dos conteúdos adequados para a prática de suas aulas. Entretanto, Lesann (2011) considera também que essa iniciativa deva vir do aluno, inclusive porque a prática do ensinar e do aprender tem de partir de ambas as partes. Dessa forma, concordamos que “esses desafios implicam, necessariamente, uma mudança profunda, em sala de aula, nas atitudes do professor e do aluno” (LESANN, 2011, p. 26).

Ter consciência de que a Geografia é algo de que o aluno precisa e é um conhecimento relevante para a sua formação social, política e educativa requer, também, afirmar que ela é uma disciplina comprometida com a educação para a cidadania, mesmo sabendo que ainda vivemos distantes de uma cidadania plena. Posto isso, “não é possível obter conhecimentos

geográficos sem uma compreensão dos conceitos e apresentações dos quais esses conhecimentos partem e para os quais confluem” (COSTA; SANTOS; KINN, 2010, p. 53).

De acordo com Os PCNs (2001, p. 110):

Embora o espaço geográfico deva ser o objeto central de estudo, as categorias, paisagens, território e lugar devem também ser abordadas, principalmente nos ciclos iniciais, quando se mostram mais acessíveis aos alunos, tendo em vista suas características cognitivas e afetivas.

Dessa forma, cabe aos docentes fazer as perguntas básicas que já mencionamos aqui: “o que é Geografia? Para que serve a Geografia? Quais os objetivos da Geografia? O que deve ser ensinado e para quem se ensinar?”. Somente assim poderão desenvolver um trabalho verdadeiramente embasado no paradigma da educação geográfica. Sobre esse aspecto, Lesann (2011, p. 27) diz que esses são alguns procedimentos fundamentais a serem seguidos ou questionados, pois num simples ato é muito importante o conhecimento geográfico, como “escolher a melhor época para viajar para a Europa, pegar um ônibus na melhor hora, escolher um terreno para construir uma casa”. Então, diante disso, podemos dizer que a geografia é presente no nosso dia a dia, a vivenciamos em todos os instantes e poderíamos dizer também que “a Geografia existe desde sempre, e nós a fazemos diariamente” (KAERCHER, 2003, p. 11).

Diante disso, podemos fazer uma interligação que permite ao aluno dos anos iniciais aprender a Geografia com base em três conceitos importantes: a escola, o cotidiano e o lugar (CALLAI, 2010). O primeiro é o espaço por excelência, onde o aluno interage com seus colegas, é o encontro de dois mundos – o seu e o de seus colegas -, onde as experiências são compartilhadas. O segundo é a mediação entre a escola e o lugar e diz respeito a todas as instâncias da vida do aluno. Por fim, o lugar que reflete a identidade do aluno, mas o conecta à escola, à sua casa, ao seu bairro, seu município e aos outros lugares distantes. O lugar é, pois, a experiência máxima que reflete a vivência do estudante dos anos iniciais.

Segundo a autora, a escola porque é onde o aluno tem a oportunidade de produzir um conhecimento. O cotidiano porque o aluno tem mais facilidade para a compreensão dos fatos que o cercam. A respeito desse aspecto, Cavalcanti (1998, p. 123) diz que, “ao manipular as coisas do cotidiano, os indivíduos vão construindo uma geografia e um conhecimento geográfico”. E o lugar é onde mora o aluno, é onde ele vê os acontecimentos.

Podemos inferir desses três conceitos e com base nas observações da escola em estudo que alguns desses conceitos, os quais poderíamos começar a trabalhar em sala de aula, são negligenciados pelos professores. Estes procuram trabalhar aquilo que “mandam” os livros didáticos.

A escola, através de seu corpo docente, é a grande responsável para que sejam trabalhados conteúdos que não condizem com a vida do aluno. No entanto, a escola possui coordenador para que junto com o/a professor/a planejem suas aulas e selecionem os conteúdos mais significativos para os alunos, não se restringindo somente à “prisão” conteudista dos livros didáticos disponibilizados, sem buscar outros temas-conteúdos, atualizá-los e torná-los adequados à realidade do aluno.

APONTAMENTOS SOBRE A METODOLOGIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA

A discussão sobre a metodologia de ensino, hoje, assume novas formas em função da compreensão que se tem da relação entre os conteúdos trabalhados na sala de aula e do entendimento do aluno. Sabemos que não existe metodologia infalível, entretanto a atitude cotidiana do professor com sua metodologia de trabalho pode fazer a diferença nas aulas de Geografia.

Cada professor tem uma metodologia própria para ministrar suas aulas, procura a melhor maneira para que seus alunos compreendam de forma objetiva o conteúdo ministrado.

Entendemos que o ensino escolar é um processo de conhecimento do aluno mediado pelo professor. Partindo disso, os PCNs apontam desafios para o saber-fazer geográfico no concernente às práticas pedagógicas do ensinar e do aprender. E isso depende da metodologia do professor e dos recursos didáticos utilizados.

Sobre esse quesito, Cavalcanti (1998, p. 138) argumenta que “a intervenção intencional própria do ato docente diz respeito à articulação de determinados objetivos, conteúdos e métodos que levem em conta as condições concretas em que ocorre o ensino e seus diferentes momentos”. Daí inferimos que não é importante somente o professor transmitir conhecimentos para os alunos e cumprir sua tarefa, mas o de alcançar seus objetivos. Os procedimentos metodológicos dizem respeito a todas as práticas pedagógicas utilizadas com maior ou menor frequência nas diversas áreas dos conhecimentos, sejam quais forem as técnicas ou métodos empregados, visando auxiliar o aluno em sua aprendizagem.

Cavalcanti (2008, p. 35) diz:

Para pensar sobre aspectos metodológicos do ensino de Geografia, o primeiro passo é colocar o aluno como centro e sujeito do processo de ensino para, a partir daí, refletir sobre o papel do professor e da Geografia, que são elementos igualmente fundamentais no contexto didático.

Conforme a autora, devemos levar em consideração a experiência e a vivência do discente, do lugar que ele vive, do seu contexto social. Para que o professor contribua na construção de uma sociedade mais justa, é necessário que, em conjunto com o meio escolar, esteja aberto a novas experiências, bem como tenha uma formação competente, no que diz respeito ao compromisso com a educação, e tenha segurança acerca dos conceitos da Geografia. Para isso, é preciso que o docente tenha compreensão dos passos metodológicos a serem seguidos e adotados.

O objetivo do uso dos procedimentos metodológicos nas aulas de Geografia é facilitar a compreensão dos conteúdos, incentivar a participação do aluno nas aulas e a prática de socialização e possibilitar o processo de ensino-aprendizagem, fazendo com que os alunos busquem no conhecimento geográfico uma importância maior, capaz de mudar a rotina da classe e despertar o interesse dela.

Na verdade, a maioria dos alunos não demonstra nenhum tipo de interesse nas aulas de Geografia, tornando difícil para o professor alcançar seus objetivos, como também difícil para os alunos aprenderem a disciplina.

Como já foi dito, não existe metodologia infalível, mas a atitude do dia a dia do professor em sala de aula pode fazer as aulas de Geografia ficarem mais interessantes. Os docentes precisam atuar em sua prática mediante seleção de estratégias que despertem o saber-fazer, ou seja, tenham em si as habilidades que despertem a curiosidade dos alunos.

REFLEXÕES SOBRE AS AULAS E A METODOLOGIA DO ENSINO DA GEOGRAFIA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

A educação hoje no um município de Grajaú passa por um processo especial. Há avanços devido às várias instituições de ensino superior que têm se instalado na cidade, contribuindo com a qualidade do ensino, uma vez que parte significativa dos professores do município cursou ou está cursando um curso superior. Mas o que ainda falta são professores específicos atuando nas suas respectivas áreas de formação, pois muitos lecionam

componentes curriculares diferentes da sua graduação, por exemplo: professor que é formado em matemática lecionar aula de história.

A Escola Educar para Crescer, objeto de estudo desta pesquisa, situa-se no bairro Extrema, o qual é um local pouco estruturado da cidade de Grajaú, e atende a um público de baixa renda. Assim como várias pequenas escolas da cidade, ela funciona em prédio alugado, possui seis salas de aulas, uma sala de leitura, uma sala para a diretoria, uma cantina, dois banheiros e dois bebedouros.

Vale frisar que não existe espaço físico para o desenvolvimento de atividades extraclasse, pois o prédio é uma antiga casa adaptada para nela funcionar a escola. O número de alunos é muito elevado se comparado à dimensão física das salas de aula, a circulação de ar é de péssima qualidade e a iluminação também é precária. As mobílias não são novas, todavia estão em bom estado de uso. O espaço físico, de certa forma, não contribui muito para que o professor alcance os objetivos do processo de ensino-aprendizagem.

Na tabela 01, observamos que o município de Grajaú, conforme o IDEB (Índice de Desenvolvimento da Educação Básica) observado desde o ano de 2007, cumpriu todas as metas projetadas pelo Ministério da Educação para o final do último ciclo dos anos iniciais do ensino fundamental. Por outro lado, a Escola Educar para Crescer, avaliada pela primeira vez no ano de 2011, conseguiu atingir a mesma pontuação do IDEB municipal (4.5), embora ainda não houvesse meta projetada para a referida escola. Já na avaliação de 2013, a escola atingiu uma pontuação muito inferior à de 2011 (3.4) e à meta projetada pelo governo (4.8), ficando, inclusive, um pouco abaixo do próprio IDEB do município de Grajaú (3.5).

Tabela 01 – IDEB do município de Grajaú e da E. M. Educar para Crescer para o final do último ciclo dos anos finais do ensino fundamental (2007-2013).

Anos	Ideb observado				Metas projetadas			
	2007	2009	2011	2013	2007	2009	2011	2013
Municipal	4.5	3.7	4.5	3.5	2.5	2.8	3.2	3.5
E. M. Educar para Crescer	-	-	4.5	3.4	-	-	-	4.8

Fonte: MEC/IDEB, 2014.

Sobre a parte metodológica, essa pesquisa é do tipo exploratório, com abordagem qualitativa. Adotamos a observação das aulas de Geografia nas turmas de 4º e 5º anos da Escola Educar para Crescer, no turno vespertino. Depois, realizamos a entrevista com as professoras, selecionadas em razão da metodologia por elas utilizada. Na ocasião, com a

finalidade de preservar suas identidades, nomearemos a docente do 4º ano como professora **A** e a do 5º ano como professora **B**.

As observações em sala de aula aconteceram somente às segundas-feiras, dia da semana em que ocorriam as aulas de Geografia, sendo que o “dia da aula de Geografia” coincidia nas duas turmas observadas. Assim, optamos por primeiro observar as aulas de Geografia no 4º ano e depois no 5º ano. A entrevista foi feita primeiro com a professora **B**, no período em que estavam acontecendo as avaliações finais dos alunos. Entrevistamos a docente com base no roteiro de entrevista semiestruturada. Já com a professora **A**, realizamos sua entrevista após encerramento do período letivo (novembro de 2014), momento no qual as professoras estavam na escola apenas terminando de finalizar o diário escolar e os boletins dos alunos.

A professora **A** trabalha suas aulas de forma expositiva com o auxílio do livro didático oferecido pelo município. A professora do 5º ano também trabalha suas aulas valendo-se da mesma metodologia, porém procura acrescentar materiais didáticos referentes ao conteúdo trabalhado. Por exemplo, quando observamos as aulas dessa última professora, ao tratar dos aspectos da região nordeste brasileiro, especialmente sobre a seca, ela utilizou outros recursos didáticos, além do livro, bem como o uso da música. É indiscutível que a análise da letra e da melodia das músicas propicia uma aprendizagem mais significativa no ensino, principalmente no ensino de Geografia. Assim, ao utilizar a música como metodologia, a Geografia e seus conceitos podem ser cantados de forma lúdica.

Trabalhar com música é uma forma de ajudar o aluno naquilo que já sabe, é fazer com que perceba que a música traz em sua letra fatos do nosso cotidiano e que está relacionada tanto à questão social quanto espacial (KAERCHER, 2003).

Mesmo com ou sem uma metodologia diferenciada, com o uso ou não de recursos didáticos, o que se observou é a falta de interesse dos alunos. Muitos são assíduos no ambiente escolar, porém não fazem nenhuma das atividades propostas pelas professoras, parecendo que estão em outro ambiente diferente da escola, dormem nas aulas e não têm sequer o trabalho de abrir o caderno.

As professoras que participaram da entrevista têm formação de magistério de nível médio. A professora **A** possui curso de formação superior em Ciências/Matemática e a

professora **B** é habilitada em Letras, Língua Portuguesa, Espanhola e suas respectivas Literaturas. Ambas têm 14 anos de regência na área da educação.

Quando perguntamos se elas se sentiam aptas para ensinar os conteúdos de Geografia, a professora **A** assinalou afirmativamente, dizendo que, devido à sua experiência de trabalho, acreditava estar apta para lecionar a disciplina. Já a professora **B** afirmou que, apesar de ela não possuir nenhuma formação na área, também se encontra capaz e que procura estudar e estar bem informada sobre os conteúdos da Geografia.

Quanto aos conhecimentos geográficos prévios dos alunos, a professora **A** disse que, às vezes, procura inseri-los nas aulas, enquanto a professora **B** enfatizou que sempre inicia a aula a partir dos conhecimentos prévios dos discentes, valorizando-os como ponto de partida para as discussões.

Esse assunto, outrora abordado neste trabalho, remete-nos para a importância de levar em consideração o conhecimento prévio dos alunos. Por mais novos que sejam os discentes, eles são capazes de observar e apreender as experiências e vivências do cotidiano, muitas vezes encontradas em casa, nos círculos de amigos de sua mesma faixa etária, nos jogos, desenhos, filmes e programas de TV. Dessa forma, Kimura (2010, p. 129) enfatiza que, para pensarmos “no ensino-aprendizagem como uma relação que pressupõe um diálogo que tem como essência a compreensão dos sujeitos dialógicos, é fundamental a consideração dos aspectos que fazem parte do aluno como sujeito do conhecimento”.

Uma vez que a metodologia deve ser para a construção do conhecimento dos alunos e é fato que cada um deles tem algo a contribuir para as aulas, ao utilizar o seu conhecimento prévio, estaremos fazendo, de alguma maneira, um diagnóstico de seus conhecimentos e dos conceitos (pré) concebidos. Se a Geografia é o nosso dia a dia, conforme apontou Kaercher (2012), os conceitos e conhecimentos dos estudantes também começam a ser formulados no cotidiano. Sobre esse quesito, Lesann (2011, p.43) explica:

O papel do professor partirá do pressuposto de que todo aluno traz um conhecimento prévio de qualquer assunto a ser conduzido em sala de aula. Em consequência, ao iniciar um novo conteúdo, o professor conduzirá o aluno a acionar esse conhecimento prévio, através de uma avaliação diagnóstica (tempestades de ideias, atividades orais, entre outras) para saber de quais noções deve partir e como iniciar o trabalho.

Da mesma forma, faz-se o diagnóstico da leitura. Para conhecer se o aluno sabe ler, primeiro devemos testar a sua destreza com relação à leitura da palavra e do texto, para, a partir daí, elaborar o plano de ação que irá colaborar para a sua aprendizagem.

Outro aspecto importante foi sobre os conceitos-chave da Geografia. As duas docentes disseram trabalhar os conceitos, porém a professora **A** nos relatou que sente muita dificuldade em trabalhar os conceitos e se esforça para transmitir o assunto de modo que compreendam. A professora **B** nos disse que, dependendo da idade cronológica dos discentes e das noções que eles já possuem, conseguem ou não entender os conceitos geográficos.

Sabemos que os conceitos geográficos não são aprendidos de uma hora para outra, há todo um processo ao longo do tempo, e isso acontece pela acumulação de noções que são aprendidas ao longo desse tempo (LESANN, 2011).

Quando se indagou sobre a questão de somente trabalhar os conteúdos do livro didático, a professora **A** nos disse que trabalha outros conteúdos adequados à série, de acordo com a atualidade, cita a globalização e tudo que a envolve. A professora **B** nos disse que observa os conteúdos e aplica os de mais fácil compreensão pelos alunos. Além disso, ela assinalou gostar de trabalhar os conteúdos da atualidade e de forma contextualizada, porque, consoante ela, os assuntos atuais facilitam o entendimento, podem ser acompanhados através da mídia. Então, discute o assunto e faz as devidas comparações a fim de ajudar na compreensão da complexidade do mundo.

As professoras afirmaram utilizar outros recursos didáticos, entretanto isso às vezes pode ser contraditório quando comparamos com o período de observação das aulas. O que vimos predominantemente foram professores valendo-se somente do livro didático – o livro que foi designado para o aluno naquele ano – e não outros recursos para complementação do conteúdo.

O livro didático é o único recurso de que muitos professores se valem para dar suas aulas. Não raras vezes, os conteúdos são apresentados de forma simplificada. Porém, não é um instrumento suficiente para suprir todas as necessidades de aprendizagem do aluno (LESANN, 2011). Por isso, o professor não deve se limitar somente ao livro didático, ele precisa buscar outros recursos didáticos.

O uso dos diferentes procedimentos metodológicos é de relevante importância no ensino da Geografia. Considerando esse aspecto, quando questionadas sobre os

procedimentos metodológicos usados, a professora **A** nos disse que suas aulas são do tipo explorativas (o que os alunos sabem), explicativa e dialogada. Os alunos participam contando fatos relacionados ao conteúdo, além de participarem em exercícios orais e práticos (escritos) e pesquisa no livro. A professora **B** disse que seus procedimentos partem da pesquisa no livro didático, internet, estudos de textos diversos, análise e construção de gráficos e tabelas, discussões, trabalhos em grupo e individual, além de desenho de mapas.

Utilizar estratégias que favoreçam a aprendizagem do aluno deve ser um compromisso do professor, diversificando suas metodologias e possibilitando repensar e reavaliar a sua prática, constantemente. Vimos que os procedimentos metodológicos são relevantes quando colocados em prática, mas essa não é uma realidade observada na escola em questão.

Os recursos didáticos que utilizamos em sala de aula são outro aspecto muito importante e faz muita diferença para o aprendizado do aluno. Sobre esse quesito, as nossas entrevistadas expuseram os recursos utilizados em suas aulas: a professora **A** usa o livro didático do aluno e do professor, livros paradidáticos e cartazes. A professora **B**, além do livro didático, acrescenta gêneros textuais diversos (notícia de jornal, reportagem), gráficos estatísticos, tabelas, Atlas, mapas, músicas.

A utilização de diferentes recursos didáticos é imprescindível no ensino fundamental, e isso é apontado pelos PCNs como um dos objetivos do ensino fundamental, uma vez que a “a geografia trabalha com imagens, recorre a diferentes linguagens na busca de informações e como forma de expressar suas interpretações, hipóteses e conceitos” (PCNs, 2011, p. 118).

A música também é um recurso didático que contribui bastante no aprendizado do discente, pois, ao utilizar letras de músicas, a prática pedagógica possibilita a análise e a reflexão do trabalho em sala de aula por meio do cotidiano de nossos alunos na sociedade. As músicas podem refletir conceitos geográficos, indicar lugares e suas características, bem como, quando parodiadas, refletem aspectos da sociedade, dos problemas políticos e ecológicos e denunciam as contradições espaciais. Da mesma forma, as músicas e as paródias assimilam o aprendizado dos conceitos, os quais podem ser lembrados até quando chegar à vida adulta, e estimulam a criatividade.

A música foi um dos recursos trabalhados pela professora **B** para melhor explicar o conteúdo estudado (a seca na região nordeste). A música “Asa Branca” fez com que os alunos compreendessem melhor o conteúdo. Eles puderam entender sobre o clima do sertão,

caracterizado pelas longas estiagens, sobre o modo de vida e as manifestações da cultura do sertanejo. Perceberam a forte relação entre clima e produção agrícola, a metáfora da migração histórica do sertanejo nordestino para outros lugares, em busca de trabalho, entre outros aspectos.

Quando perguntamos se havia dificuldade em ensinar os conteúdos geográficos, a professora **A** ressaltou que sua dificuldade se encontra em todas as disciplinas, mas que procura estudar o assunto um pouco mais e que todos os conteúdos são difíceis. A professora **B**, por sua vez, ressaltou também que tem muita dificuldade, principalmente em se tratando do espaço geográfico, que é um dos conceitos, segundo ela, mais abrangente, permeado de uma história composta por processos do passado e presente. Ou seja, é muito complexo para a criança entender como se estrutura o espaço e sua localização. Para esta professora, devido à dificuldade supracitada, há a necessidade de trabalhar com material lúdico e concreto.

Tal situação resalta e confirma que o ensino de Geografia tem de acontecer e ser valorizado desde os anos iniciais, quando a criança entra na vida escolar. Para Callai (2010, p. 31):

Pode-se dizer que dois motivos levam a considerar a importância de aprender a geografia nas séries iniciais. Um deles é conhecer (e compreender) o mundo de forma sistematizada; o outro diz respeito à construção das bases para as aprendizagens futuras da geografia na educação básica. Isso significa aprender a fazer a observação e análise do espaço e a interpretação dos fenômenos que estão espacializados.

Por isso, é mister trabalhar com o aluno as coisas do seu cotidiano, para que aprenda a analisar o espaço onde ele está inserido e construir um conhecimento geográfico.

Na metodologia empregada pelas professoras, observamos que se exploram mais as aulas expositivas e o uso do livro didático. Quando questionadas sobre o assunto das metodologias e os recursos didáticos diferenciados em sala de aula e sobre o aprendizado dos alunos, a professora **A** ressaltou que não trabalha metodologias diferenciadas por não ter acesso a materiais que possibilitem mudar sua metodologia. A professora **B** ressaltou que uma metodologia diferenciada utilizada por ela é o debate entre os alunos, a partir do qual pôde perceber que os alunos aprendem mais e os recursos para isso provêm de reportagens a que eles assistem e das revisões dos conteúdos estudados.

Ainda falando de recursos didáticos, perguntamos acerca da utilização de mapas, globo, maquetes e materiais lúdicos nas aulas de Geografia. Notamos incoerências e

concepções opostas nos discursos das professoras, embora trabalhem na mesma escola. A professora **A** confessou que, apesar de esses materiais oferecerem uma ótima compreensão, ela não os utiliza pelo fato de a escola não disponibilizá-los. Já a professora **B** apontou que trabalha e que a aprendizagem se torna mais interessante e proveitosa quando há uso de imagens e que os mapas e Atlas ajudam muito no entendimento básico do espaço e da localização.

Ainda que a escola não disponibilize materiais, o docente precisa assumir a postura de professor/pesquisador/criativo para buscar recursos didáticos alternativos. Devemos ter a concepção e compreensão de que trabalhar Geografia diante de um mundo tão mutável é muito complexo e, se o professor não pesquisar, não conseguirá um bom desempenho para com seus alunos, até mesmo porque “a superação é, por excelência, condição do professor, uma vez que, por sua atribuição, ele é antes de tudo um pensador, um pesquisador, um educador” (KIMURA, 2010, p. 67).

As dificuldades apresentadas pelos alunos, de acordo com as professoras, são a falta de atenção nos conteúdos (não só geografia, mas em todas as disciplinas) e a incompreensão e diferenciação de alguns itens importantes da Geografia, por exemplo, a diferenciação de tipos de relevos e tipos de climas, mais especificamente com as nomenclaturas.

O número de alunos é outra questão que contribui muito para ampliar essas dificuldades. Outro aspecto que dificulta a aprendizagem é em relação aos trabalhos desenvolvidos fora da sala de aula, os quais a maioria dos alunos não fazem e isso faz com que as professoras trabalhem de forma restrita, somente com os materiais disponíveis em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ensino de Geografia nos anos iniciais é fundamental na educação básica. O papel dessa disciplina na formação dos estudantes visa contribuir para o exercício da cidadania e a construção de um espaço geográfico mais humanizado.

Nesse tocante, a educação geográfica tem o papel de preparar os alunos para a construção da consciência socioespacial dos fenômenos cotidianos e possibilitar que estes se

enxerguem como um ser ativo, produto de relações historicamente construídas, que transforma o meio em que vive ao passo em que se transforma.

Entendemos que a Geografia é tão importante quanto as demais disciplinas do currículo escolar, pois um conhecimento está ligado ao outro, e a interdisciplinaridade é fator precípua para o discente adquirir capacidade de reflexão e poder agir em seu meio, isto é, compreender como sujeito a sua própria realidade socioespacial.

Para resgatar a importância do conhecimento geográfico, são indispensáveis, acima de tudo, procedimentos metodológicos que busquem proporcionar aos alunos uma formação de qualidade e despertar neles o interesse pelas aulas de Geografia. É necessário ainda que se utilize dos diversos procedimentos metodológicos para um novo despertar atitudinal, lançando outro olhar sobre o espaço geográfico.

O professor, todavia, precisa acreditar no potencial de melhoria da aprendizagem através dos recursos didáticos e das metodologias tradicionais e alternativos. Não basta usar recursos e tentar outras metodologias apenas, precisamos mudar, antes das metodologias, os nossos objetivos para com o ensino da Geografia e a utilização de recursos. Ao mesmo tempo em que mudar o ensino, em outras palavras, alterar a forma de ensinar, os objetivos e se fazer insistentemente a pergunta “para que ensinar Geografia”, estaremos, portanto, fazendo a educação geográfica. Isso conseqüentemente reflete na mudança do interesse dos alunos pela Geografia. A educação geográfica insere-se como um paradigma, o qual deve ter um real sentido, não um ensino que se resume em si mesmo, senão toda metodologia e toda aula da Geografia serão rasas, vazias e fracassadas.

Mesmo ocorrendo aulas da disciplina de Geografia, observamos ainda que as disciplinas de Português e Matemática têm o maior destaque no currículo escolar. Isso faz com que os alunos se empenhem mais nesses dois componentes curriculares que eles (e, por extensão, a sociedade) julgam mais necessários para a sua “aprovação” ao fim do ano letivo.

De acordo com o que observamos, a escola trabalha todas as disciplinas, porém a disciplina de Geografia não é trabalhada de forma que faça com que o aluno tenha uma educação geográfica que lhe permita mesmo interpretar a realidade vivida. As aulas de Geografia ainda acontecem de forma tradicional, mantendo formas de ensinar, aprender e exercitar a “Geografia decoreba”, nas quais as professoras expõem o conteúdo e passam a atividade com perguntas e respostas. Conseqüentemente, o aluno, no dia da avaliação, se

encarrega de repetir aquilo que foi decorado/memorizado. Vimos alunos que vão todos os dias à escola - e as professoras confirmaram -, todavia não apresentam interesse em desenvolver as atividades, uma vez que, em se tratando de Geografia, atribuem a ela um papel muito pífio na formação desse aluno.

Indubitavelmente, a Geografia nos permite realizar uma leitura de mundo, faz-nos entender como se configura o espaço no qual vivemos e ajudamos a construí-lo com a nossa participação. Na Escola Municipal Educar para Crescer, ensina-se um conhecimento distante da realidade cotidiana dos alunos. Isso os afasta de sua realidade socioespacial e deixa de ensiná-los o fundamental, além de ler e escrever, que é o de fazer uma leitura e interpretação do mundo, para que possam viver em/na sociedade e entender os processos opressores que tanto lhes afastam da cidadania. Infelizmente, com o ensino ofertado, as escolas têm produzido robôs, não cidadãos capazes de (trans)formar a realidade.

Na verdade, um dos problemas que ocorrem no ensino em geral, e especificamente no ensino de Geografia para os alunos dos anos iniciais, é acreditar que primeiro a criança deve estar alfabetizada, saber ler e escrever, para depois aprender outros conteúdos disciplinares. Tal pensamento é um equívoco, pois o ensino de Geografia, assim como das demais disciplinas, faz parte de um currículo escolar que deve priorizar a leitura do mundo, não necessariamente a decodificação de palavras e frases, muitas vezes fora de contexto. Isolar etapas no processo de ensino-aprendizagem é negar a um indivíduo a oportunidade de não ser devorado por uma realidade contraditória e desigual. Então, a Geografia não é um ensino a posteriori de outro, seja ele qual for, visto que, através dela, o aluno vai desenvolver a capacidade de observar, analisar e interpretar o espaço dos homens, ao mesmo tempo pensar a realidade e nela intervir positivamente.

O ensino de Geografia possui uma orientação para a formação do cidadão. Diante dos grandes desafios impostos pela realidade que vivemos, a ciência geográfica e a disciplina escolar têm responsabilidades de se ocupar com esses aspectos. Nesse tocante, comungamos com Cavalcanti (1998) quando frisa:

Não basta, portanto, aos que se dedicam à docência e à investigação de questões relacionadas com o saber geográfico escolar o domínio de conteúdos e métodos da ciência geográfica. É preciso que se considere, além disso, a relação entre essa ciência e sua organização para o ensino, incluindo aí a aprendizagem dos alunos conforme suas características físicas, afetivas, intelectuais, socioculturais (CAVALCANTI, 1998, p. 10).

Como vimos, o ensino de Geografia é muito importante nos anos iniciais, principalmente nos 4º e 5º anos, quando os estudantes já estão passando para outro ciclo do aprendizado e precisam ter uma visão das possibilidades na sua formação como cidadão.

Com a discussão feita neste trabalho, sobretudo em torno da pesquisa na escola-campo, pode-se perceber que há contradições agregadas no processo de ensino-aprendizagem. Percebemos isso nas entrevistas com as professoras, comparando-as ao que foi observado, sobretudo na ausência ou pouca expressividade de uso de materiais complementares ao livro didático. Às vezes, nem o livro didático está disponível ao aluno, fato que constatamos durante um dia observado, porque não foi possível os alunos utilizarem o livro, usado por outra turma. Nem o próprio livro didático, recurso “salvador” das aulas dessas professoras, é disponível na escola em quantidade suficiente.

Apesar de alguns aspectos que julgamos negativos, todas as disciplinas estão sendo ministradas na escola e, por outro lado, o fato de haver duas professoras em cada turma, dividindo os encargos didáticos e disciplinares, pode melhorar o trabalho com a disciplina de Geografia e as demais, para ampliar a qualidade do processo de ensino-aprendizado.

No que tange especificamente à Geografia, falta realmente os professores trabalharem conteúdos de forma mais significativa, valorizando a compreensão das relações entre a sociedade e a natureza como estratégia de se resgatar a importância do conhecimento geográfico na formação do educando dos anos iniciais. Assim, o estudante pode entender que a Geografia é tão importante quanto saber ler e escrever. A leitura do espaço do aluno não difere necessariamente da leitura da palavra. O espaço geográfico tem códigos, formas, estruturas e processos que precisam de leitura e interpretação.

Uma Geografia possível e significativa para os anos iniciais do ensino fundamental é aquela cujos professores estão comprometidos a desenvolver procedimentos metodológicos que despertem o interesse do aluno pelas aulas e (trans)formem-nos em cidadãos capazes de ler, analisar e interpretar o espaço onde vive.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: História e Geografia**. 3. ed. Brasília: MEC/Secretaria da Educação Fundamental, 2001.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica**. Brasília: MEC/SEB, 2013. 562p.

CAVALCANTI, L. de S. **Geografia, escola e construção de conhecimento**. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

_____. **A geografia escolar e a cidade**: ensaios sobre o ensino de geografia para a vida urbana cotidiana. Campinas, SP: Papyrus, 2008.

CALLAI, H. C. Escola, cotidiano e lugar. In: BUITONI, M. M. S. (Coord.). **Geografia: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2010.

_____. Educação geográfica: ensinar e aprender geografia. In: CASTELLAR, S. V.; MUNHOZ, G.; RODRIGUÉZ, A. C. (Org.). **Conhecimentos escolares e caminhos metodológicos**. São Paulo: Xamã, 2012. p. 73-82.

KAERCHER, N. A. O gato comeu a geografia crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia. PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, A. U. de. (Org.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 221-231.

_____. A geografia é o nosso dia-a-dia. In: CASTROGIOVANNI, A. C. C.; CALLAI, H. C.; SHÄFFER, N. O.; KAERCHER, N. A. (Org.). **Geografia em sala de aula: Práticas e reflexões**. 4. ed. Porto Alegre: Editora da UFRGS/AGB - Seção Porto Alegre, 2003. p. 11-22.

KIMURA, S. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

LESANN, J. **Geografia no ensino fundamental I**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2011.

SANTOS, M. O dinheiro e o território. In: _____. [et al.]. **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 13-21.

SILVA, J. L. B. da. O que está acontecendo com o ensino de Geografia? Primeiras impressões. PONTUSCHKA, N. N.; OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Org.). **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. São Paulo: Contexto, 2002. p. 313-322.

SANTOS, R. J.; COSTA, C. L. da; KINN, M. G. In: BUITONI, M. M. S. (Coord.). **Geografia: ensino fundamental**. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2010.

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais**. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

Maria José Barros SILVA; Marcos Nicolau Santos da SILVA

VESENTINI, J. W. Educação e ensino da geografia: instrumentos de dominação e/ou de libertação. In: CARLOS, A. F. A. (Org.). **A geografia na sala de aula**. 8. ed., 1. reimpr. São Paulo: Contexto, 2007. p. 14-25.

*Recebido em 10 de setembro de 2016
Aceito em 14 de fevereiro de 2017*